

# HISTÓRIA DO QUILOMBO BARRA DO AROEIRA

## HISTORY OF THE QUILOMBO BARRA DO AROEIRA

Raylane Sousa de Albuquerque <sup>1</sup>

Caren Kristina Vieira Silva <sup>2</sup>

**Resumo:** O texto relata uma ação extensionista na Comunidade Quilombola Barra de Aroeira, focada em estimular a participação de crianças e adolescentes no reconhecimento de sua identidade quilombola. A comunidade foi fundada por Félix José Rodrigues, que recebeu terras de Dom Pedro II após a Guerra do Paraguai. Atualmente, enfrenta desafios relacionados à regularização fundiária e à preservação de suas tradições culturais, enquanto lida com as pressões de grandes fazendeiros que contestam seu território. Atividades lúdicas, como quebra-cabeça e brincadeiras, foram utilizadas para trabalhar questões identitárias e fortalecer a conexão dos jovens com a história e o cotidiano do quilombo. A fundamentação teórica explora a origem dos quilombos e sua composição plural, destacando a importância da juventude na preservação da cultura quilombola. O projeto também discutiu os desafios enfrentados pelos jovens, que oscilam entre permanecer na comunidade ou buscar oportunidades fora. A ação buscou valorizar a memória, a cultura e a identidade local, contribuindo para a reflexão sobre a importância da continuidade e resistência quilombola no território.

**Palavras-chaves:** Quilombo. Identidade. Regularização fundiária. Juventude quilombola. Cultura.

**Abstract:** The text describes an extensionist action in the Quilombola Community of Barra de Aroeira, focused on encouraging the participation of children and adolescents in recognizing their quilombola identity. The community was founded by Félix José Rodrigues, who received land from Emperor Dom Pedro II after the Paraguayan War. Currently, the community faces challenges related to land regularization and the preservation of their cultural traditions, while dealing with pressure from large landowners contesting their territory. Playful activities, such as puzzles and games, were used to explore identity issues and strengthen the youth's connection to the quilombo's history and daily life. The theoretical foundation explores the origins of quilombos and their plural composition, emphasizing the role of youth in preserving quilombola culture. The project also discussed the challenges faced by young people who must decide whether to stay in the community or seek opportunities elsewhere. The action aimed to value local memory, culture, and identity, contributing to reflections on the importance of continuity and quilombola resistance in their territory.

**Keywords:** Quilombo. Identity. Land regularization. Quilombola Youth. Culture

1 Graduanda de Serviço Social pela Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5688866230413549>. E-mail: raymadeira386@gmail.com

2 Graduanda em Serviço Social pela Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). E-mail: carenkristina84@gmail.com

# Introdução

A ação extensionista tem caráter metodológico participativo, que requer ação recíproca e efetiva, uma vez que, a didática a ser desenvolvida, tem por objetivo estimular a participação das crianças e adolescentes. As atividades foram realizadas na Escola Municipal Horácio José Rodrigues, pertencente à comunidade Quilombola da Barra de Aroeira. É importante situar o leitor sobre o processo histórico da comunidade Barra do Aroeira.

Félix José Rodrigues fundou a Comunidade Barra de Aroeira a partir de terras ganhas no Alto Goiás de Dom Pedro II, e escolheu uma área na região do Jalapão, em recompensa pelo bom desempenho na Guerra do Paraguai que ocorreu em 1864 (GONÇALVES, 2021). A ocupação pelos quilombolas herdeiros da terra, na época conhecidos como Pretos da Barra, é anterior a Vila de Santa Tereza e sua demarcação foi realizada pelo patriarca com o plantio de fileiras de buritis. (GONÇALVES, 2021).

O nome da comunidade é envolvido pela polêmica que nos documentos legais a comunidade é referida como Barra de Aroeira, mas os habitantes a chama de Barra da Aroeira visto que, o nome refere-se ao córrego, que por sua vez o recebeu por conta da grande quantidade de árvores Aroeira a sua volta. Portanto, para a população o nome correto seria Barra da Aroeira, já que aroeira é uma palavra feminina e é a árvore que origina o nome do córrego (AMARAL, 2017).

Na década de 1950 a Comunidade Barra de Aroeira percebe a necessidade de se organizar para recuperar o documento que comprova a doação da área por Dom Pedro II mas, sem êxito. Para o processo organizativo em 2004 a Comunidade viu a necessidade de se organizarem juridicamente e fundar a associação quilombola para facilitar a regularização da terra e conseguir a segunda via do documento que comprovava a propriedade (GONÇALVES, 2021).

Em 2006, a comunidade recebeu o certificado de autodefinição como comunidade remanescente de quilombo da Fundação Cultural Palmares e abriu-se o processo de regularização de seu território no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) Tocantins (GONÇALVES, 2021).

A primeira etapa do processo de regularização territorial, o relatório antropológico, foi concluída em 2008, e em 2011 foi concluído e publicado o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID). O RTID identifica um território de aproximadamente 62 mil hectares, com cerca de 280 imóveis rurais incidindo sobre a área. O processo de regularização foi e segue sendo contestado por um grupo de grandes fazendeiros, dentre eles políticos poderosos do estado (GONÇALVES, 2021)

Segundo Glaucia Amaral (2017) a Comunidade quilombola Barra de Aroeira, está localizada no município de Santa Tereza do Tocantins, em uma distância de 86 Km de Palmas - a capital do Estado - com uma população na época de 96 famílias com um total de 560 pessoas, localizadas em uma parte reduzida do território demarcada pelo patriarca Félix José Rodrigues que morreu em 1915.

Atualmente a Comunidade quilombola Barra de Aroeira é composta por uma população de 885 pessoas divididas em 174 famílias (CPI-SP. 2017), cada uma possui suas próprias plantações onde cultivam diversos alimentos como: arroz, feijão, milho, mandioca, abóbora, hortaliças e frutas. Além disso, eles cultivam também galinhas e porcos, pratica o extrativismo de produtos como pequi, buriti, bacaba, barú e capim dourado, entre outros.

A comunidade também preserva sua cultura, com parteiras, benzedeiças, rezadeiras, raizeiras, to-

cadores de viola de buriti e foliões (folias de Reis e do Divino), que realizam todos os anos suas festas, rezas e mantêm sua cultura viva. (GONÇALVES, 2021)

## Referencial teórico

A palavra quilombo tem origem nos povos de bantu “kilombo”, e passou a ser usada no Brasil como “quilombo” por conta dos membros dos grupos Lunda, Ovimbundu, Mbundu, Kongo, Imbangala e outros que foram trazidos da Angola e Zaire e escravizados no país (KABENGELE, 1995).

Os quilombos brasileiros são organizações formadas por pessoas oprimidas, em sua maioria, descendentes de escravos. Os escravizados ocuparam parte dos povoados não-povoados de difícil acesso objetivando fugir das senzalas e plantações (KABENGELE, 1995).

Os espaços ocupados por essas pessoas foram a partir de compras de pedaços de terra pelos escravos alforriados, por doações de terras pelos proprietários falidos, e não somente lugares ocupados por negros fugitivos (SANTOS; MARTINS, [s.d.]) Vale destacar que as comunidades quilombolas são territórios que receberam todos os oprimidos da sociedade sejam brancos, indígenas e negros tornando-se um modelo de democracia plurirracial, recebendo diversas influências possuindo um caráter transcultural, mas, com especial influência da cultura afro-africana (KABENGELE, 1995)

No processo da territorialidade a autora Glaucia Amaral (2017) aborda sobre a juventude na comunidade quilombola Barra de Aroeira, a partir da identidade quilombola em interação com as mudanças geográficas presentes no território. A autora apresenta o objetivo é compreender a identidade étnica associada ao território, analisar a contribuição da juventude na formação da comunidade e interpretar a rede de trajetos percorridos pelos jovens quilombolas vivenciam os desafios decorrentes dessas questões.

Ela traz a reflexão que escolher permanecer na comunidade ou sair dela é uma decisão que os jovens enfrentam. A motivação por trás daqueles que partem é a busca por novas oportunidades, principalmente no mercado de trabalho e, em alguns casos, para continuar seus estudos. É importante reconhecer que a categoria de “jovem” é uma construção social, portanto, devemos referir-nos a “juventudes” a diversidade de situações em que os jovens se encontram, como: classe social, etnia, religião, gênero e localização geográfica (AMARAL, 2017).

Os jovens quilombolas de Barra de Aroeira vivenciam uma realidade geográfica que se baseia em um contexto rural, estreitamente vinculado ao seu território étnico. Esses jovens possuem desejos e sonhos, mas enfrentam as limitações impostas pela sua realidade geográfica. Os conflitos geracionais são inerentes ao seu cotidiano, com alguns vendo os jovens como distantes e outros entendendo que eles não têm oportunidades suficientes.

Além disso, o processo histórico de redução territorial teve consequências negativas no que diz respeito à distância das atividades disponíveis para eles relativas à agricultura. No entanto, todos os jovens quilombolas entrevistados se reconhecem como quilombolas e têm consciência da história da comunidade, com seus locais significativos e tradições. Compreendemos que, apesar da influência do pensamento colonial hegemônico, é responsabilidade da juventude reinterpretar os conhecimentos transmitidos entre as gerações e aproveitar as possibilidades oferecidas pelo território” (AMARAL, 2017).

## Metodologia

As atividades foram planejadas inicialmente para serem trabalhadas com adolescentes objetivando o levantamento de questões sobre as percepções dos alunos sobre o Quilombo, suas identidades enquanto pertencentes de uma comunidade Quilombola e da permanência ou não no Quilombo.

As atividades aconteceram de forma lúdica com cerca de 12 crianças entre 3 e 7 anos, também com 3 adolescentes de 12 e 14 anos e uma adulta, mãe de duas das crianças, de 25 anos, em uma sala preparada pelos próprios alunos e direção da escola. Essas, objetivaram a identificação dos alunos em relação a vida e história no Quilombo.

Iniciaram-se as atividades após a apresentação das alunas da Unitins responsáveis pela intervenção e dos estudantes da Escola Horácio. Em que a primeira atividade foi a montagem de um quebra-cabeça feito a partir de uma foto retirada da internet de alguns dos alunos em uma apresentação que realizaram, sendo notável a alegria ao identificarem amigos, irmãos ou os próprios no quebra-cabeça.

Ainda em relação ao quebra-cabeça, este, após montado, foi virado e expôs a pergunta: “Qual é a melhor lembrança que você tem no Quilombo?” levantado aspectos da vida dos estudantes e suas percepções sobre as memórias onde vivem. Após ouvir as crianças.

A segunda atividade em que foram direcionadas a se organizarem repetirem o desenho que a primeira criança fizesse nas costas umas das outras, condicionando a atividades que gostam de realizar no quilombo

No seguimento das dinâmicas foi realizada a brincadeira de telefone sem fio em formato de roda sobre festivais/ festas realizadas no Quilombo. A palavra escolhida por um aluno foi carnaval, o incentivamos a explicar como ocorre o carnaval no quilombo e perguntou-se sobre outras festividades, através desse tópico falamos com o auxílio da mãe de duas crianças a respeito da história do Quilombo e a participação do patriarca Félix na conquista da terra.

Aproximando-se no fechamento, foi incentivado as crianças a desenharem frutas e verduras típicas no plantio realizado no Quilombo com foco no baru e na abóbora e terminamos com as próprias crianças ensinando para as acadêmicas a brincadeira Carrocinha, após essas, perguntarem qual é a brincadeira que fazem no Quilombo.

## Considerações finais

Com a realização deste trabalho de campo, foi possibilitada a ampliação do debate acerca da história da comunidade, suas lutas por direitos e os objetivos buscados para viver de forma digna e igualitária.

Por meio desta ação extensionista buscamos refletir e discutir sobre a importância de não esquecer a sua história, objetivando o levantamento de questões sobre as percepções dos alunos sobre o Quilombo, suas identidades enquanto pertencentes de uma comunidade Quilombola e da permanência ou não no Quilombo.

## Referências

AMARAL, Gláucia. **As territorialidades da juventude na comunidade quilombola Barra de Aroeira, em Santa Tereza Do Tocantins – TO**. 2017. Tese ( Mestrado em Geografia) - Curso de Geografia - Universidade Federal Do Tocantins, Porto Nacional, 2017.

GONÇALVES, Paulo. A luta da comunidade quilombola Barra da Aroeira na defesa de seu território. **Agro é Fogo**, 2021. Disponível em: < <https://agroefogo.org.br/blog/2021/03/08/barra-da-aroeira/>>. Acesso em: 24, nov de 2023.

KABENGELE, Munanga. **Origem e histórico do quilombo na África 1995**. Revistau ,São Paulo,

V.8,p. 56-63, Dez./Fev. 95/96 Disponível: < <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/28364/30222> > Acessado em : 20 de nov. de 2023.

Sem autor: Associação comunitária dos quilombos de Barra De Aroeira. **ARTESOL**,s/n. Disponível em:< <https://www.artesol.org.br/quilombosdearoeira> >. Acesso em: 24, nov, 2023.

Sem autor: Terra Quilombola Barra do Aroeira (Tocantins). **Comissão Pró-Índio**, 2017. Disponível em:< <https://cpisp.org.br/barra-do-aroeira/> >. Acesso em 24, nov, 2023.

DOS SANTOS, MARIA SANTANA FERREIRA; MARTINS, LEILA CHALUB. **Modos de ser jovem quilombola na contemporaneidade**: um estudo a partir das representações sociais . [s.d.]Disponível em:< admin- ,+Maria+Santana+Ferreira+dos+Santos+Milhomem.pdf > Acesso em: 24, nov,2023

Recebido em 15 de agosto de 2024

Aceito em 20 de setembro de 2024